

O RISCO DA SUPERFICIALIDADE TEOLÓGICA

PRELETOR: Carlos Osvaldo

Pinto

DATA: 04/07/2010

TEXTOS: At 18.24-28; 19.1-10

Introdução

Grande parte dos crentes modernos, ou pelo menos dos crentes atuais, imagina que conhecimento teológico e desenvolvimento em conhecimento teológico sejam fenômenos naturais. Com esta ideia, eles geralmente querem dizer fenômenos espontâneos no seu surgimento e não direcionados na sua manutenção. Isso naturalmente se reflete em igrejas que pouco se importam com o desenvolvimento e com o estado doutrinário dos seus membros.

Também se traduz em frases como essa: “doutrina divide, o que importa é a comunhão”. Como se fosse possível separar estas duas coisas. Ou, isso ainda surge aparentemente na citação descontextualizada de I Coríntios capítulo 8 versículo 1: “*O conhecimento incha, mas o amor edifica*”.

Como se o conhecimento por si fosse prejudicial. Como se o conhecimento por si produzisse essa sensação de inchaço que dá a impressão de crescimento e progresso, mas é simplesmente volume, na maioria das vezes sem peso real. Eu gosto de pensar que o conhecimento bíblico-teológico, com hífen, bíblico-teológico, pois é impossível também separar um do outro, é como uma horta.

Há alguns anos atrás minha esposa e eu separamos um cantinho do nosso quintal pra fazer uma horta. Foi uma festa e uma alegria. Fizemos os canteiros, cercamos o espaço, compramos as mudas e a semente, plantamos. Esperamos que a mãe natureza fizesse o seu trabalho de nos suprir de saladas e temperos naturais espontaneamente. Ah! Mas nós íamos fazer uma descoberta dolorosa. Esperávamos que a nossa torcida intensa, que a nossa boa vontade cooperasse na produção de alimento saudável e saboroso. E o que foi que descobrimos?

Primeiro, que nem tudo que é natural é espontâneo. Há sempre muito trabalho envolvido.

Segundo lugar, que boa vontade não é suficiente. Conhecimento do tipo de solo, da estação propícia, da qualidade do solo, do melhor tipo de fertilizante, e até mesmo das ferramentas a utilizar, é fundamental para que ao invés de umas folhinhas mirradas, um alfacezinho que tinha que usar lente de aumento pra ver, nascesse algo que valia a pena olhar e também comer. As primeiras tentativas foram absolutamente frustrantes. Nós estávamos precisando de ajuda. Nós queríamos verduras e temperos atraentes e apetitosos, e o que tivemos? Uma grande decepção.

Em terceiro lugar, nós descobrimos que há pessoas extremamente sábias no que tange à produção de alimentos e manutenção de uma horta, e elas não têm doutorado nem mestrado. Com muito menos esforço, mas com muito mais eficiência, elas tornam ter uma horta um prazer verdadeiro para a visão, olfato e paladar.

A última descoberta que fizemos com a nossa horta é que é preciso cuidar sempre, porque o surgimento espontâneo do que é nocivo é muito mais fácil do que o surgimento trabalhado daquilo que é benéfico.

Eu vou lhes levar para o meu cantinho favorito da nossa horta. É o meu canteiro de hortelã. Minha esposa sabe que ela pode fazer o que quiser na nossa horta, mas não mexa no meu canteiro de hortelã. Tá comprando briga. Eu planto hortelã por onde eu passo, e se pudesse estava com um raminho de hortelã sempre a tiracolo ou mastigando. Mas há uma plantinha que é especializada em canteiro de hortelã. Ela nasce em alguns outros lugares da horta, uma por canteiro, mas ali no canteiro de hortelã ela aparece por toda a parte. E ela tem esse jeitinho de se camuflar entre o hortelã. E se eu não fizer alguma coisa muito especial, a coisa vai ficar feia. Ela parece me desafiar a descobri-la. Então toda vez que eu passo na horta, vou pra pegar o que for, eu vou no

canteiro de hortelã e vou tirando uma por uma dessas plantinhas. Porque se eu bobear ou se eu não fizer nada, em breve eu não tenho hortelã pro meu tabule, pro meu chazinho. E eu gosto de ambos.

Você pode perguntar o que essa metáfora botânica tem a ver com a igreja e um curso de treinamento de líderes, porque estamos aqui para celebrar a conclusão de um módulo do CTL (curso voltado para o Treinamento de Líderes).

Eu os convido a examinar um texto no Novo Testamento que demonstra o perigo da superficialidade teológica e a necessidade de um bom preparo teológico, e a necessidade que uma igreja tem de bons preparadores.

Livro de Atos, capítulo 18, versículos 24 a 28. Precisamos conversar um pouco sobre a experiência da igreja que surgiu na cidade de Éfeso, cujos fundadores foram nada mais, nada menos do que Paulo, Silas e Timóteo e cujos assistentes ministeriais foram um casal chamado Áquila e Priscila. O final do capítulo 18, todo o capítulo 29 e uma boa parte do capítulo 20 descrevem a experiência de Paulo em relação a esta igreja. Uma igreja significativa, uma igreja estratégica, uma igreja que se tornaria o centro do cristianismo no primeiro século. Particularmente na sua metade final, no seu quarto final entre 75 e 100 do século I.

Que indicadores esse texto oferece pra nós sobre os perigos que existem numa superficialidade teológica? E você, que vive numa igreja, que congrega numa igreja onde a doutrina é bem pregada, que indicadores esse texto oferece a você de que boa doutrina e boa doutrina aplicada na sua vida são como aquele meu canteiro de hortelã em que é fácil crescerem ervas daninhas e que precisa de cuidado e desenvolvimento, e adubo, e regar todo o dia?

Vamos olhar um pouquinho para esses indicadores.

O **primeiro indicador** que descobrimos aqui é que conhecimento superficial nem sempre significa conhecimento correto e útil. Algum conhecimento é melhor que nenhum conhecimento, mas há riscos em um conhecimento superficial. Foi o caso desse homem, Apolo.

Paulo deixara em Éfeso, depois de passar rapidamente por ali e seguir em direção à Palestina, Áquila e Priscila. Aparentemente já havia ali um grupo que se reunia e Áquila e Priscila com a sua estratégia de usar a sua casa como um ponto de partida para a igreja, ficaram ali. Sem a presença de Paulo, chega a Éfeso um homem chamado Apolo, natural de Alexandria, judeu da cidade mais

intelectualizada do Oriente Médio. Ele seria um PHD em divindade de Harvard ou de alguma dessas universidades famosas no nosso tempo. A Bíblia nos diz que ele era, versículo 24, homem eloquente e poderoso nas Escrituras:

“Enquanto isso, um judeu chamado Apolo, natural de Alexandria, chegou a Éfeso. Ele era homem culto e tinha grande conhecimento das Escrituras”. Atos 18.24.

A descrição que Lucas nos faz de Apolo é extremamente encorajadora. Vindo da cidade intelectualmente mais sofisticada do Império, ele era um homem culto. Ele conhecia o Antigo Testamento. Vinha de um lugar que tinha uma longa tradição de estudo do Antigo Testamento e onde o Antigo Testamento tinha sido pela primeira vez traduzido para a língua grega. Ele era conhecedor das Escrituras e além disto tinha boas convicções a respeito de Jesus.

O texto nos diz que ele

“Fora instruído no caminho do Senhor (e nós gostaríamos de saber quem o instruiu, mas não sabemos) e com grande fervor falava e ensinava com exatidão acerca de Jesus, embora conhecesse apenas o batismo de João”. Atos 18.25

Essa frase de Lucas é tão significativa, sabe por quê? Porque ela nos diz que, embora a informação de que Apolo dispunha fosse boa, e fosse correta, ela não era suficiente. Ela nos diz que quando queremos conhecer a Jesus Cristo, nunca se pode conhecer Jesus Cristo demais. Eu não sei se Apolo saiu de Alexandria antes de ser plenamente informado a respeito de Jesus Cristo. Mas eu posso dizer uma coisa: embora ele tivesse boas convicções a respeito de Jesus, a sua condição teológica ainda era inadequada. Ele tinha zelo. Se você chamasse Apolo para uma discussão teológica, ele ia ser o primeiro a se voluntariar. E na verdade nós vamos ver que ele ia falar nas sinagogas e persuadia os judeus a respeito de Jesus. Mas Áquila e Priscila perceberam que estava faltando alguma coisa. Embora houvesse zelo, embora houvesse conhecimento, faltava o conhecimento adequado.

“Logo começou a falar corajosamente na sinagoga. Quando Priscila e Áquila o ouviram, convidaram-no para ir à sua casa e lhe explicaram com mais exatidão o caminho de Deus”. Atos 18.26

Quando Áquila e Priscila o ouviram, na sinagoga, convidaram-no para ir à sua casa e lhe explicaram com mais o quê? “Exatidão”, com mais detalhe. Por quê? Porque Apolo tinha o conhecimento insuficiente para ser útil, mas ao mesmo tempo

suficiente para ser perigoso. E esta é uma das grandes tragédias do conhecimento. Porque muitas vezes nós o temos em dose insuficiente pra sermos úteis, mas o temos em dose suficiente para sermos perigosos.

Eu lembro quando eu comecei a ensinar hebraico. Eu estava exatamente nessa situação. Eu sabia o suficiente pra ser perigoso, mas ainda não sabia o suficiente pra ser útil. E Deus, graciosamente, colocou pessoas no meu caminho que me prepararam para sair dessa incômoda posição em que Apolo também estava. Foi muito significativo que ele não tenha sido chamado “às falas” pelo apóstolo Paulo. Eu vibro com essa passagem. Foram dois “leigos” (essa palavrinha de que eu não gosto), que pegaram Apolo e disseram: “Apolo, vamos comer uma pizza lá em casa”. Lembre que Áquila e Priscila eram da Itália, né? Tinha que ter pizza rolando. E chamaram a Apolo, e, mais acuradamente, focalizaram. Minha suspeita é que Apolo podia dizer com firmeza: esse Jesus é o Messias. E Áquila e Priscila disseram pra ele: sim, é verdade, mas ele é um pouco mais do que o Messias. Ele é Deus e Salvador. Ele é aquele que deu a sua vida em lugar dos pecadores e que está implantando em todo o mundo uma nova entidade chamada igreja. E aí as fichas teológicas de Apolo começaram a cair, por assim dizer.

Precisamos olhar para um **segundo indicador**. Esse segundo indicador é muito significativo: conhecimento superficial gera inadequação na experiência cristã.

Inadequação na experiência. Estamos numa época em que a experiência é tão valorizada e pessoas me dizem: não importa o que eu sei, me importa é o que eu sinto. E eu digo: sinto muito. O que você sente é determinado pelo que você sabe. E se você não se preocupar com o que você sabe, logo você não vai se importar com o que você sente, porque ele não terá substância suficiente pra manter a sua fé e manter o seu compromisso com Jesus Cristo.

Descobrimos no começo do capítulo 19 que Apolo levou algumas pessoas à mesma situação em que ele estava, um conhecimento superficial da fé cristã. Capítulo 19, versículos 1 a 7:

“Enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo, atravessando as regiões altas, chegou a Éfeso. Ali encontrou alguns discípulos e lhes perguntou: ‘Vocês receberam o Espírito Santo quando creram?’ Eles responderam: ‘Não, nem sequer ouvimos que existe o Espírito Santo’”. Atos 19.1-2

Paulo fica perturbado e pergunta para eles:

“‘Então, que batismo vocês receberam?’”, perguntou Paulo. ‘O batismo de João’, responderam eles”. Atos 19.3

Estão vendo a ligação com Apolo no capítulo 18? Paulo explica pra eles.

“Disse Paulo: ‘O batismo de João foi um batismo de arrependimento. Ele dizia ao povo que crescesse naquele que viria depois dele, isto é, em Jesus’”. E quando eles ouviram isso, o que aconteceu? Começaram a cair as mesmas fichas que caíram em Apolo no capítulo anterior. “Ouvindo isso, eles foram batizados no nome do Senhor Jesus. Quando Paulo lhes impôs as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo, e começaram a falar em línguas e a profetizar. Eram ao todo uns doze homens”. Atos 19.4-7

Essa é uma das passagens mais polêmicas do livro de Atos. Mas me parece que Lucas está querendo demonstrar que nesta experiência aqui todas as classes possíveis de pessoas religiosas do Império Romano ao tempo de Paulo chegaram ao conhecimento da plena verdade a respeito de Jesus. Que havia um Jesus que tinha dado a sua vida pra morrer no lugar dos pecadores. Que Ele prometeu àqueles que nele creram que eles seriam abençoados com a vinda do Espírito Santo e que o Espírito Santo viria habitar neles e produzir neles um novo tipo de vida que fosse agradável a Deus.

No livro de Atos o termo discípulos descreve pessoas crentes. Estes discípulos aqui, que eram crentes, ignoravam uma das bênçãos típicas, distintivas do cristianismo, que fazia o cristianismo realmente diferente de todo o paganismo que havia à sua volta. Havia uma relação pessoal com Deus, garantida pela ressurreição de Jesus Cristo e sustentada intimamente pela presença do Espírito na vida das pessoas. Não era só uma religião de fachada, não era simplesmente uma cerimônia que você comparecia no templo de Apolo ou de Afrodite ou de Júpiter ou qualquer outro deus. Era a presença real do Deus no coração dessas pessoas. Mas o conhecimento superficial desses discípulos os privou dessa experiência maravilhosa. Aquela sensação gloriosa de Deus falando no seu coração: você é meu filho, você é minha filha, eu o amo e quero o melhor para você. Mas eles estavam perdendo isso. Por quê? Não era culpa do Espírito Santo. Infelizmente faltava-lhes a informação necessária e correta.

Quando a informação adequada chegou e foi recebida, não podemos esquecer este aspecto, e foi recebida, os benefícios espirituais altamente significativos aconteceram imediatamente. Nós

descobrimos que imediatamente eles recebem o que, no contexto do livro de Atos, foi um sinal universal que aconteceu em Jerusalém, que aconteceu em Samaria, que aconteceu em Cesaréia, e agora acontece na cidade de Éfeso: a manifestação da presença do Espírito Santo por meio da manifestação de línguas, ou glossolalia. Precisamos estar atentos porque conhecimento superficial gera inadequação na experiência. Aquela ideia que tantas vezes aparece por aí de que conhecimento impede crescimento, é falsa. É falsa.

Há um **terceiro indicador**. Em terceiro lugar, conhecimento superficial gera ou pelo menos pode gerar conformidade com o que é contrário ao Reino de Deus. Se você não estiver bem informado a respeito de sua fé, se você não estiver bem informado naquilo que a distingue de tantas outras fés que existem ao seu redor, competindo pela sua atenção, competindo pela sua tolerância pelo menos, você corre o risco de dizer: olha, desde que seja fé, tudo bem. É o efeito do remédio genérico na teologia. Desde que seja fé, é bom. Errado. A fé naquilo que não a merece, a fé naquilo que não é suficiente.

Foi contra esse perigo que Paulo se rebelou. Paulo era extremamente prático. Ele sabia que por todo o Império Romano havia lugares onde ele podia chegar com rolinho da Bíblia hebraica debaixo do braço e ter uma audiência para falar sobre Jesus Cristo. Então ele sempre ia à sinagoga. Era lógico, era uma estratégia missionária. E ele foi lá, na sinagoga de Éfeso. Encontramos isso no capítulo 19, versículo 8.

“Paulo entrou na sinagoga e ali falou com liberdade durante três meses, argumentando convincentemente acerca do Reino de Deus.”

Durante três meses, Paulo frequentou a sinagoga e ali falou ousadamente, ou como a NVI traduz, com liberdade (eu gosto mais de ousadamente) durante três meses, argumentando convincentemente, ou persuadindo acerca do Reino de Deus.

Agora, se você quisesse uma audiência era ir para uma sinagoga e começar a falar sobre o Reino de Deus. E o que Paulo vai falar? Ele chega na sinagoga e vai falar sobre o Reino de Deus e a “galera” aplaude. Aí ele começa a falar: o reino de Deus, o reino de Deus lá no antigo testamento, e as promessas feitas a Abraão, e as promessas feitas a Davi... e a “galera” só aplaudindo. Aí, de repente Paulo começa a contar o lado um pouco mais sombrio da história: mas os nossos pais foram infiéis à aliança que Iavé havia feito com eles. E por causa disto eles foram exilados. E aí a gente percebe que as palmas são bem

menores. Alguns ainda balançam a cabeça dizendo sim. Ele fala: mas Deus levantou um descendente de Davi. Aí o pessoal começa a olhar um pro outro, falando: que história é essa de descendente de Davi que esse camarada está falando? É o que a gente esperava. E aí Paulo diz: esse descendente de Davi foi rejeitado pelos líderes da nossa nação e foi crucificado numa cruz. Aí começa o tumulto. Por quê? Porque ele estava anunciando que o Messias havia sido crucificado numa cruz romana e que ao terceiro dia Ele havia ressuscitado e que agora Ele estava chamando gentios e judeus para serem súditos do reino. O reino que Ele um dia ainda iria estabelecer. Quando Ele falava de gentios no mesmo nível que os judeus, aí pronto, aí fechava o tempo. Aí tinha que chamar a guarda, tinha que chamar a segurança, porque ia ter confusão. Mas ele conseguiu ficar lá três meses argumentando isso. Por quê? Porque ele aproveitou a liberdade de diálogo que havia. E há liberdade de diálogo em uma porção de ambientes nos quais nós nem suspeitamos. Há liberdade de diálogo na universidade, há liberdade de diálogo no escritório, na fábrica, há liberdade de diálogo na pizzeria. E aí deve aproveitá-la. Pra aproveitar bem precisamos estar bem preparados, com o dever de casa feito, com o conhecimento teológico crescente. Não necessariamente profundo, mas crescentemente profundo.

Eventualmente Paulo viu que ia bater de frente e ele não se absteve de bater de frente, porque o conflito com o erro não pode ser evitado às custas da verdade. “Ah, eu gosto de viver em paz com todo mundo”. Eu também gosto de viver em paz com todo o mundo, mas não às custas da verdade. Não às custas daquilo que é certo e da minha obrigação de anunciar Jesus Cristo como Rei e Salvador.

O que foi necessário acontecer? O rompimento. Chegou uma hora em que o pessoal já não queria mais ouvir falar de Paulo e começou a blasfemar contra o Caminho, ou seja, afirmar que esse Jesus Cristo não tinha nada a ver com Deus. A essa altura Paulo falou: “eu estou limpo do sangue de vocês. Estou limpo do sangue de vocês”.

“Mas alguns deles se endureceram e se recusaram a crer, e começaram a falar mal do Caminho diante da multidão. Paulo, então, afastou-se deles. Tomando consigo os discípulos, passou a ensinar diariamente na escola de Tirano”. Atos 19.9

Paulo afastou-se. Ele tomou consigo quem? Que discípulos? Não são mais aqueles doze do começo do capítulo. São discípulos que ele fez na sinagoga. E ele traz esses indivíduos e funda o primeiro CTL (Curso

de Treinamento de Líderes) da história. Na escola de um certo Tirano. Esse camarada tinha ali um local que reservava para eventos. Ele tinha um salãozinho que ele alugava para eventos. E alugou ali para esse pregador Paulo. E Paulo ali ministra diariamente, ensinando os discípulos. Teve que haver um rompimento. Esse rompimento por causa do conhecimento que é deficiente, por causa da incredulidade, tem que trazer um rompimento. Ou nós, como cristãos, vamos nos conformar à mediocridade espiritual.

Aquilo que nós vamos testemunhar daqui a pouco é simplesmente uma lembrança de que é possível ir um pouco além e deixar de ser a pessoa que apenas recebe, pra ser a pessoa que ministra, pra ser a pessoa que, como Áquila e Priscila, ajuda outros, pra ser a pessoa que, como Paulo, transforma experiências inadequadas em experiências adequadas pela informação correta e pela motivação correta e pelo ensino. A tarefa de instruir e aprofundar o conhecimento teológico é sublime, mas como eu já disse, não é privilégio dos profissionais da teologia. Estão aí os Áquilas e Priscilas. E são pessoas com as quais os mais novos deveriam colar, deveriam fazer que nem um “carrapato educativo” com essas pessoas. Porque a sua vida, a sua experiência, o seu testemunho, o seu ministério, na igreja e no contexto da sua cidade são dignos de serem imitados. Os mais jovens, especialmente. Cheguem juntos desses “coroas”, desses de meia idade, que já estão levando a Cristo segunda e terceira geração de pessoas. Aprendam com eles, deixem-se instruir por eles.

Áquila e Priscila ajudaram a Apolo. Talvez você precise encontrar o Áquila e Priscila. E você que já é um Áquila e Priscila, vão achar outros Apolos. Eles estão por aí, eles estão aí precisando ser discipulados. Talvez sejam jovens universitários, talvez sejam pessoas que agora chegaram a Cristo. Vamos trabalhar com eles.

O resultado do aprofundamento teológico numa igreja é algo sensacional. Esses discípulos que Paulo tomou sob sua responsabilidade levaram a Palavra de Deus por toda a província da Ásia. Toda a parte oeste do que hoje é a Turquia foi afetada. Igrejas foram fundadas em Colossos, Ierápolis, Laodiceia, por toda aquela região, judeus e gentios ouviram a Palavra de Deus.

Quando a educação teológica e a igreja local se tornam parceiros, Deus realiza grandes coisas.

“Quando isso se tornou conhecido de todos os judeus e gregos que viviam em Éfeso, todos eles foram tomados de temor (os milagres que

aconteciam); e o nome do Senhor Jesus era engrandecido. Muitos dos que creram vinham, e confessavam e declaravam abertamente suas más obras”. Atos 19.17

E o que eram essas más obras especificamente? Bruxaria, especificamente feitiçaria, idolatria.

“Grande número dos que tinham praticado ocultismo reuniram seus livros e os queimaram publicamente. Calculado o valor total, este chegou a cinquenta mil dracmas.” (Atos 19.19)

E Lucas dá um detalhe interessante: essas pessoas queimaram um total de cinquenta mil dracmas. Dezessete anos de salário mínimo. Dezessete anos de salário mínimo foram queimados. Por quê? Porque a igreja local e a educação teológica se deram as mãos e um grande impacto aconteceu naquela região. E eu posso dizer para vocês, isso não é privilégio de Éfeso. Pode acontecer e deve acontecer aqui em Campinas também.

Mas vocês estão preparados? Vem aí alguma coisa muito maior.

“Dessa maneira a palavra do Senhor muito se difundia e se fortalecia. Depois dessas coisas, Paulo decidiu no espírito ir a Jerusalém, passando pela Macedônia e Acaia. Ele dizia: ‘Depois de haver estado ali, é necessário também que eu vá visitar Roma’. Atos 19. 21

Agora alguns de vocês não vão gostar do que eu vou dizer agora, mas é o meu último ponto. Quando o conhecimento se aprofunda e se dissemina, Deus libera a liderança para projetos maiores e mais ousados. O que deu na cabeça de Paulo? Estava estourando na parada de sucesso lá em Éfeso e ele diz: “ah, eu acho que eu vou pra Jerusalém”. Por quê? Porque o trabalho fundamental dele tinha sido terminado ali. Agora que tinha igrejas formadas, agora que tinha discípulos aprofundados na Palavra, Paulo estava livre pra seguir a missão que Deus tinha dado a ele, de levar o evangelho a todo o Império Romano. “Vou a Jerusalém e de Jerusalém eu tenho que ir a Roma e de Roma eu tenho que ir na Espanha.”

Será que Deus não quer fazer o mesmo aqui? Aquilo que tem acontecido nesta igreja em parceria com o Seminário Bíblico Palavra da Vida é algo singular que me enche de prazer como professor dos seus pastores e como diretor do Seminário Bíblico Palavra da Vida.

Estamos celebrando hoje um momento de conclusão que eu espero seja também um momento de começo para muitos de vocês aqui. Teremos mais módulos desse curso de treinamento de líderes ou de

liderança. Eu devo dizer de novo, não é só para pessoas que já são líderes. É para pessoas que aspiram ser líderes. Pessoas que têm a visão e o desejo de servir o Reino de Jesus Cristo melhor. Não tem idade, não tem condição social, não tem se é homem ou se é mulher, porque Deus pode usar pessoas pra sua glória como usou Áquila e Priscila. Eu quero lançar um desafio a vocês. Que essa igreja reproduza a experiência de Éfeso e use o CTL para isso.

E Deus vai continuar a fazer coisas grandes e ainda maiores por meio daquilo que vocês vão oferecer a Ele e do conhecimento teológico profundo e rico que esta igreja vai oferecer a vocês. Essa é a minha oração e é também o meu desafio pra cada um de vocês. Amém.

Mensagem das Sagradas Escrituras apresentada na Igreja Batista Cidade Universitária (IBCU), Campinas - SP. Publicação do Ministério de Comunicação da IBCU. Esta versão contém modificações em relação ao áudio, que está disponível em nosso site (www.ibcu.org.br). Para receber cópias em CD, escreva-nos ou ligue-nos. Ministério de Comunicação - Igreja Batista Cidade Universitária – Rua Tenente Alberto Mendes Jr., 5 – Vila Independência – Campinas - SP - CEP 13085-870. Fone: (019) 3289-4501. E-mail: comunica@ibcu.org.br.